EDITORA
UnB

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Educação infantil em diálogo

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultora de produção editorial	Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Caio Martins Lopes
Diagramação	Beatriz Parente Barreto de Abreu
Foto de capa	Tatiana Syrikova via Pexels.com

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

E24 Educação infantil em diálogo [recurso eletrônico] : pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância / Etienne Baldez, Monique Aparecida Voltarelli, organizadoras. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
227 p. – (Série Pesquisa, Inovação & Ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-248-4.

1. Educação infantil - Aspectos sociais. 2. Práticas de ensino. I. Barbosa, Etienne Baldez Louzada (org.). II. Voltarelli, Monique Aparecida (org.). III. Título. IV. Série.

CDU 373

Fernanda Cordeiro de Carvalho – Bibliotecária – CRB 1/2339

Pensar as crianças no tempo presente tem sido um desafio, e requer cada vez mais perguntar "quais lugares que as crianças têm ocupado na sociedade, em especial dentro das instituições de educação infantil?", no intuito de pôr em pauta a forma como travamos relações e como construímos práticas educativas com as crianças. Desse modo, dedicamos esta obra a todos profissionais, estudiosos/as, pesquisadores/as da infância, que, assim como nós, têm se preocupado em construir percepções amplas sobre a infância, trocando lentes e olhares anteriores por indagações, incômodos e buscas constantes de aperfeiçoamento nas formas como educamos as nossas crianças.

Dedicamos, em especial, às crianças, que nos ensinam diariamente a nos reinventar, a resistir, a sermos singulares e resgatar nossas potências, nossa ludicidade e nossa esperança por dias melhores, sempre. A todas as crianças que nos inspiram a caminhar e a seguir investindo esforços investigativos para compreendê-las, conhecê-las e aprender com elas formas outras de ver o mundo. Tudo que aqui foi analisado, estudado e refletido não faria sentido se não fosse por elas.

Agradecimentos

A organização e escrita de um livro é resultado de relações que estabelecemos com diversos cenários sociais em que estamos inseridas, com os nossos pares, com o meio acadêmico e com tantas pessoas, espaços, leituras e experiências que configuram nossas trajetórias e vão tecendo construções que carregam nossas compreensões e lutas. Nesse sentido, agradecemos imensamente e carinhosamente a cada autor e autora desta obra, que não mediram esforços para que pudéssemos compor esses diálogos sobre a infância, e que resultam, ainda, de relações que nós organizadoras tivemos a oportunidade de construir nos nossos últimos anos de atuação profissional e por meio das nossas trajetórias de pesquisa.

Propor e concretizar a publicação de um livro é por nós visto e compreendido como um momento de celebração, em forma de abertura e também ponto de partida para revistarmos saberes, para a construção de outros e para seguir investigando. Assim como as crianças, desde o nascimento, nos inspiram para a possibilidade do novo, que possamos por meio desta obra transitar entre as palavras, tropeçar nas construções propostas, brincar com as ideias, desconstruir e construir percepções e, principalmente, compartilhar engajamentos que vislumbrem a efetivação dos direitos das crianças a viverem suas infâncias plurais.

Agradecemos também a todos que nos acompanharam nesse processo, que acreditaram nos possíveis e que inventam conosco outras formas de compreender as práticas educativas com as crianças.

Aos leitores, somos gratas pela confiança no nosso trabalho e os convidamos ao mergulho no conhecimento sobre os estudos da infância a serem explorados nas próximas páginas.

“Que nenhuma opinião seja uma convicção absoluta, imutável.
Que o dia de hoje seja sempre feito da soma das experiências de ontem,
enriquecidas das experiências de amanhã… Somente com essa condição
nosso trabalho nunca será monótono nem sem esperança.”
Janusz Korczak

Sumário

Prefácio 15

Apresentação 17

A educação infantil em pauta: perspectivas e diálogos

Interseccionalidade na área da educação infantil: conceito e ferramenta analítica para o desvelamento sobre infância(s) e as crianças 29
Ana Caroline Irineu
Catarina Moro

A organização do currículo da educação infantil em campos de experiência: o protagonismo das crianças em evidência 39
Rafaelli Norberto Grégio
Giane Lucelia Grotti

Quando o santo de casa não faz milagres: como melhorar a implementação de políticas educacionais a partir do envolvimento dos atores? 47
Cristiano Rogério Alcântara
Gabriela Spanghero Lotta

Saberes da infância e a formação dos profissionais da educação 57
Marcia Cristina Argenti

A especificidade da educação infantil referenciada pela coordenação pedagógica (Brasília, 2020-2022) 67
Débora de Souza Santos
Etienne Baldez

A dimensão moral da avaliação: estereótipos de gênero no contexto da educação infantil **79**
Viviane Fernandes Faria Pinto

Educação infantil e famílias no cenário da revisão de literatura 89
Nazareth Salutto
Maria Alice Barbosa dos Santos

O que dizem os materiais pedagógicos sobre avaliação? 99
Gabriela Scramingnon
Maria Fernanda Rezende Nunes
Marina Castro e Souza

Entre os desafios da proposição, o relato das práticas docentes com projetos na educação infantil (Brasília, 2022-2023) 113
Ligia Almeida Teixeira
Etienne Baldez

Estudos sociais da infância: olhares para a pesquisa para, com e sobre as crianças

Pressupostos teóricos da sociologia da infância nas pesquisas brasileiras 125
Lucas Ramos Martins
Ademilson de Sousa Soares

“De olho na fresta”: encontros da educação infantil com os estudos da infância **135**
Aline Buy dos Santos
Lisandra Ogg Gomes

Gênero e infância: em quais práticas sociais os meninos estão se engajando? **145**
Danielle Atta
Monique Aparecida Voltarelli

Interseccionalidades entre infância, gênero e raça na sociologia da infância brasileira **157**
Andrea Braga Moruzzi
Mayra Silva dos Santos
Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Geografia e educação infantil: as crianças e suas relações espaço-temporais **169**
Ana Paula Batista Pina dos Santos
Maria Lídia Bueno Fernandes

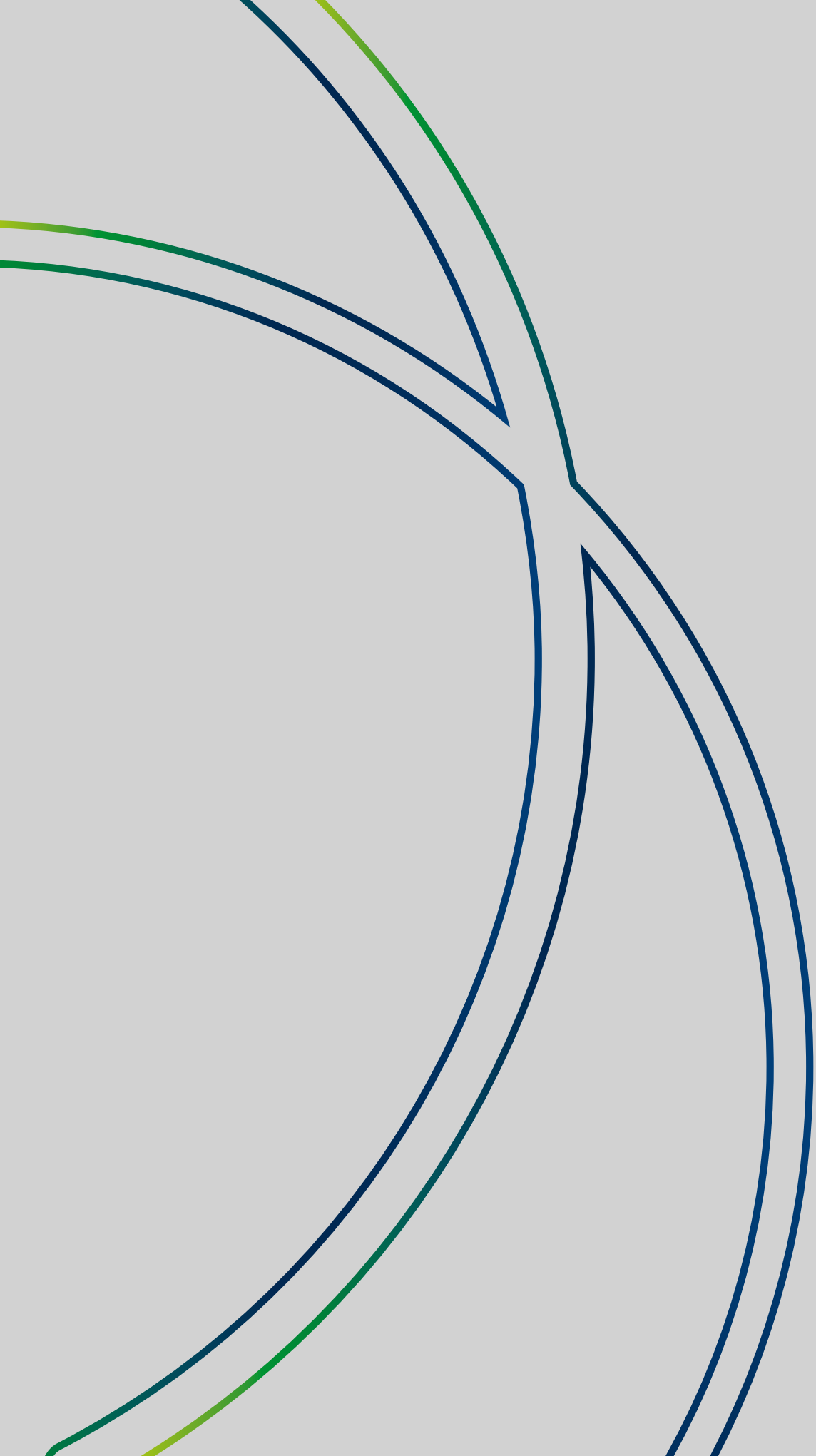
A infância brasileira em um cenário pandêmico **179**
Lara Batomarco Nobre
Laura Brisolara de Albuquerque
Monique Aparecida Voltarelli

Metodologias de pesquisa com crianças: uma experiência na cidade de Brasília **191**
Rhaisa Naiade Pael Farias
Ingrid Dittrich Wiggers

Estudos sociais da infância e migrações internacionais: análise das produções acadêmicas brasileiras do período de 2013-2023 **201**
Flávio Santiago
Taís Aparecida de Moura

Reflexões finais 213

Sobre os autores 217



A educação infantil em pauta: perspectivas e diálogos

O que dizem os materiais pedagógicos sobre avaliação?

Gabriela Scramingnon
Maria Fernanda Rezende Nunes
Marina Castro e Souza

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa interinstitucional, ainda em andamento, intitulada Políticas de avaliação na/da educação infantil: concepções e ações dos sistemas municipais de ensino no estado do Rio de Janeiro. No contexto da pandemia, a pesquisa se debruçou sobre as estratégias de atendimento à educação infantil (EI) de 17 municípios do estado do Rio de Janeiro. Com o fechamento das instituições de EI, as Secretarias Municipais de Educação (SME) criaram alternativas para o atendimento dos bebês e crianças pequenas. Uma delas foi propor atividades pedagógicas para as crianças realizarem em casa com a mediação de suas famílias. A amostra compõe estudos anteriores do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (EIPP), pois considera relevante conhecer e analisar o movimento das políticas em diferentes tempos e espaços.

Como estratégia metodológica, para o levantamento das informações, o grupo realizou um mapeamento nos sítios eletrônicos dos municípios pesquisados, considerando cinco plataformas de busca: site da prefeitura; site do Conselho Municipal de Educação; sites das SME; páginas oficiais do Instagram das SME; páginas oficiais do Facebook das SME. Nesse sentido, observou-se que seis secretarias publicaram materiais de apoio pedagógicos com atividades para as crianças, com o objetivo de dar continuidade ao processo de aprendizagem delas, bem como para a manutenção de vínculos com as famílias e crianças.

A partir desse levantamento, foi organizado um banco com 811 imagens, publicizadas pelos materiais, que foram analisadas e classificadas nas seguintes categorias: *i)* organização curricular; *ii)* avaliação; *iii)* leitura e escrita; *iv)* ambivalência na responsabilidade da gestão; *v)* concepções de criança e infância; *vi)* relação com as famílias. Este texto irá se debruçar sobre o tema da avaliação, no diálogo com os materiais, com o objetivo de analisar as concepções de avaliação que emergem das atividades coletadas. A leitura e a releitura das imagens foram guiadas pela questão “o que os materiais de apoio pedagógico revelam sobre as possíveis práticas de avaliação na EI?”. Nesse movimento de análise,

identificamos três compreensões recorrentes: *i)* avaliação como verificação de habilidades; *ii)* prestação de contas ou documentação/avaliação?; *iii)* leitura e escrita na EI.

A tarefa de avaliar traz o compromisso ético e político de acolher, observar e ampliar as experiências de bebês e crianças pequenas, uma tarefa extremamente complexa, que abre espaço para a reflexão sobre o trabalho das creches e pré-escolas, bem como sobre os caminhos da política que marcam as práticas docentes, atravessados por diferentes sentidos de qualidade, avaliação e EI. Historicamente, há duas tendências sobre avaliação no Brasil: a primeira, voltada às condições de oferta; a outra, ao desempenho dos alunos. Estudos mais recentes (Rosemberg, 2013; Souza; Moro; Coutinho, 2015; Corsino, 2021) afirmam a compreensão de que as crianças não podem ser avaliadas isoladamente, e que os investimentos na EI afetam as condições de aprendizagem e desenvolvimento das crianças pequenas. Também são reafirmadas as especificidades da avaliação na creche e na pré-escola, seu caráter dialógico, de experiência formativa (Castro e Souza, 2017).

A pesquisa evidenciou desarticulação das respostas municipais com a legislação, com as orientações oficiais e com as pesquisas produzidas no campo da infância. As análises das atividades pedagógicas permitiram uma aproximação das políticas curriculares das cidades pesquisadas, marcadas, muitas vezes, pela indiferença ao que as crianças dizem ou fazem e por propostas repetitivas e de memorização, com o predomínio do modelo adulto. O estudo permitiu observar, mais uma vez, que o tema da avaliação é espaço de disputa, que os sentidos são forjados na "luta com as palavras" (Goulart, 2013, p. 72) e podem estabelecer formas de pensar e agir dentro das instituições educativas. É urgente pensar a avaliação na EI a partir das especificidades da creche e pré-escola, tomando a pluralidade das experiências das crianças pequenas, resistindo à ideia da infância como minoridade.

Avaliação: entre medidas, habilidades e comportamentos

A avaliação é parte importante do currículo: ela dá subsídios para as práticas e é uma oportunidade para a reflexão dos caminhos do trabalho pedagógico. A partir dessa compreensão, realizamos leituras e releituras das propostas que compõem o acervo da pesquisa e, através dos enunciados e objetivos explicitados, observamos o que esperavam que as crianças aprendessem. Assim, foi possível problematizar os entendimentos, já definidos *a priori*, de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. E quais seriam essas compreensões?

Foi muito expressiva a presença de propostas que tinham como objetivo estimular/treinar a percepção visual, atenção, memória, desenvolvimento auditivo, consciência corporal, esquema corporal e coordenação motora (expressões retiradas das atividades). As propostas indicam que seria função da EI estimular as crianças pequenas na conquista de habilidades e competências, emergindo uma noção de desenvolvimento como processo de maturação biológica, fragmentado, universal, tendo como referência o comportamento adulto.

Nesse sentido, ilustramos essa reflexão no diálogo com as atividades a seguir. A primeira (figura 1), uma atividade de cobrir pontilhados e de colagem com bolinhas de papel que tem a

finalidade de treino da coordenação motora. No final da página, de forma desarticulada, ainda é sugerido: “peça ao seu responsável para esticar um fio (como se fosse um varal). Nesse varal, você colocará pregadores de roupa. Um de cada vez, abrindo e fechando com a pontinha dos dedos”. Na segunda imagem (figura 2), na mesma direção, temos uma atividade de memorização.

Figura 1: Atividade de cobrir pontos e fazer bolinhas de papel



Fonte: Acervo da Pesquisa (2021).

Figura 2: Atividade de memória auditiva



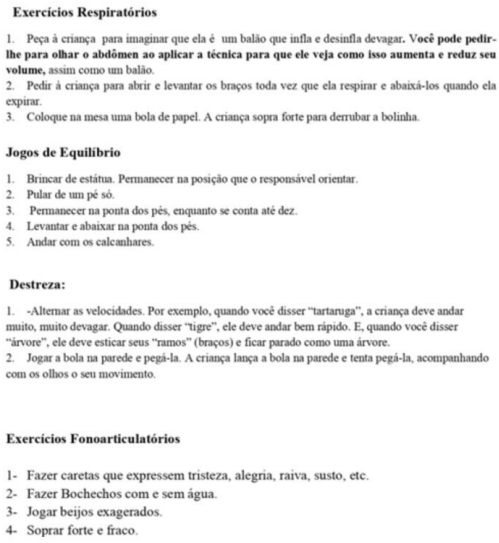
Fonte: Acervo da Pesquisa (2021).

As atividades são semelhantes a testes que visam treinar, estimular e identificar supostas dificuldades que poderiam comprometer o processo de escolarização. Através do enunciado, é possível identificar que as SME consideram importante que as crianças segurem o lápis com firmeza e que sejam estimuladas a memorizar palavras, imagens e sons, por exemplo. Dentro dessa lógica, o desenvolvimento é um processo evolutivo de aprimoramento de capacidades

que podem ser conquistadas através de exercícios repetitivos. De acordo com Castro (1998), essa perspectiva desenvolvimentista tem como objetivo normatizar a vida das crianças através de habilidades e comportamentos tomados como adequados e saudáveis. A psicologia que embasa essas atividades tem como tarefa descrever e sistematizar as mudanças no ciclo da vida, numa tentativa de quantificar a experiência humana de acordo com determinada curva (Castro, 1998). A partir de medidas psicométricas e de uma direção dita desejável e correta para o desenvolvimento, são estabelecidos comportamentos cognitivos, afetivos, psicomotores e psicossociais que estruturam e moldam as experiências infantis.

Essas propostas acionam um entendimento de desenvolvimento de forma fragmentada, não considerado em sua complexidade e multidimensionalidade, uma compreensão de que "tais dimensões são independentes do contexto, do conteúdo e do significado da atividade ou da situação em que se manifestam" (Smolka *et al.*, 2015, p. 234). Além disso, as atividades propostas parecem preocupadas com os temas da aceleração e progresso, entendendo que as crianças se desenvolvem num tempo linear, previsível. "O desenvolvimento implica orientação no tempo, sim, mas esse tempo não é uniforme, implica variabilidade, oscilações, ritmos diferenciados, descontinuidade, transformações" (Smolka *et al.*, 1994, p. 73).

Figura 3: Atividades para respiração, equilíbrio e fonoarticulatórias



Exercícios Respiratórios

1. Peça à criança para imaginar que ela é um balão que infla e desinfla devagar. **Você pode pedir-lhe para olhar o abdômen ao aplicar a técnica para que ele veja como isso aumenta e reduz seu volume,** assim como um balão.
2. Pedir à criança para abrir e levantar os braços toda vez que ela respirar e abaixá-los quando ela expirar.
3. Coloque na mesa uma bola de papel. A criança sopra forte para derrubar a bolinha.

Jogos de Equilíbrio

1. Brincar de estátua. Permanecer na posição que o responsável orientar.
2. Pular de um pé só.
3. Permanecer na ponta dos pés, enquanto se conta até dez.
4. Levantar e abaixar na ponta dos pés.
5. Andar com os calcanhares.

Destreza:

1. -Alternar as velocidades. Por exemplo, quando você disser "tartaruga", a criança deve andar muito, muito devagar. Quando disser "tigre", ele deve andar bem rápido. E, quando você disser "árvore", ele deve esticar seus "ramos" (braços) e ficar parado como uma árvore.
2. Jogar a bola na parede e pegá-la. A criança lança a bola na parede e tenta pegá-la, acompanhando com os olhos o seu movimento.

Exercícios Fonoarticulatórios

1- Fazer caretas que expressem tristeza, alegria, raiva, susto, etc.
2- Fazer Bochechos com e sem água.
3- Jogar beijos exagerados.
4- Soprar forte e fraco.

Fonte: Acervo da Pesquisa (2021)

As atividades trazem, de forma implícita, uma preocupação com os ditos déficits, atrasos, desajustes infantis ou problemas de "aprendizagem". No lugar de propostas que pensem as crianças, seus interesses e suas dinâmicas histórico-culturais, encontramos propostas que flertam com uma lógica médico-terapêutica, que parece ter uma função preventiva e/ou de reabilitação. Repetir movimentos, palavras, gestos configura-se como práticas de estimulação e treinamento que visam o controle de corpos e subjetividades. As propostas

não apresentam espaço de diálogo com os desejos infantis, não reconhecem a pluralidade das experiências das crianças e seus contextos culturais. É possível que a consequência para as crianças que não se enquadram no padrão desejável ou não se interessam por essas atividades seja a estigmatização como portadoras de dificuldades de "aprendizagem", "de atenção", "de coordenação motora", entre outras.

A partir do diálogo com a sociologia da infância (Sarmento, 2005), apostamos num redimensionamento da noção de desenvolvimento infantil que toma as crianças, as infâncias e seus contextos como pontos de partida, que se constitui de maneira singular,

> […] pois é na trama das relações com os outros que a criança se apropria de modos de ação significativos: é no interior das dinâmicas interativas que a criança torna próprias (de si mesma) e pertinentes (adequadas) formas de ação que são (e podem também vir a ser) valorizadas em seu meio social (Smolka *et al.*, 1994, p. 74).

Na direção das análises apresentadas, as avaliações podem assumir uma função de verificar se as crianças têm certas habilidades e/ou problemas de "aprendizagem". As propostas têm uma lógica escolarizante para pensar os processos de aprendizagem, com uma concepção de aprender distante dos marcos legais brasileiros da EI, com expectativa de preparação. Assim, rejeita-se a noção de que os processos de aprendizagem são lineares, e se defende diversos ritmos e formas para aprender. O aprender demanda uma postura reflexiva, construída ativamente pelos sujeitos, e tem a dialogicidade como princípio para a construção do "pensar verdadeiro", "pensar crítico" (Freire, 2004). Tal posicionamento toma as aprendizagens como processos sociais complexos, que partem das interações, dos significados culturais que as crianças atribuem ao seu redor.

Em relação ao tema da avaliação na EI, observa-se a hegemonia de um viés desenvolvimentista (Castro e Souza, 2017), configurando-se como uma ação desarticulada das experiências educativas cotidianas das crianças. Ainda vale mencionar a noção de anormalidade e uma perspectiva fragmentada para olhar o crescimento das crianças. O tema da avaliação das crianças pequenas, com ênfase no desenvolvimento em áreas (cognitivo, emocional, psicomotor etc.), aponta para a urgência da discussão sobre as concepções que embasam as práticas educativas. É nosso compromisso pensar caminhos para a avaliação na EI, e o ato de responder envolve tomar partido, implicar-se, colocar-se em um lugar singular. "E assumir responsabilidade da unicidade da existência coloca o sujeito frente à alteridade, isto é, nos dois centros de valor diferentes e correlacionados: o eu e o outro" (Corsino, 2015, p. 400).

Avaliação como prestação de contas ou documentação?

Faz parte do processo avaliativo documentar a história das aprendizagens das crianças, devendo partir das múltiplas experiências, que possibilitam a memória, a conexão entre o passado e o presente, criando projetos futuros. O registro deixa marcas que retratam uma história,

estabelecem conexões com as experiências dos outros. Crianças, professores e famílias podem, por meio do registro, narrar e partilhar o vivido, refletir sobre os conhecimentos produzidos dentro da instituição educativa, mas também sobre si e sobre as relações com o mundo.

De posse das atividades produzidas para o atendimento das crianças no contexto da pandemia, foi possível construir a categoria "prestação de contas ou documentação/avaliação?" diante da constatação de que algumas SME exigiram a devolução das atividades feitas pelas crianças em casa. Em alguns municípios, a entrega era a condição para o recebimento da atividade seguinte, configurando-se uma exigência de prestação de contas.

Na orientação compartilhada com os responsáveis, um dos municípios fez a seguinte prescrição:

> Pensou-se em atividades lúdicas e contextualizadas que possam promover um aprendizado, a partir do momento que os responsáveis executem de forma participativa as tarefas e compartilhem com a sociedade resultados das ações desenvolvidas (Acervo da Pesquisa, 2021).

De acordo com o texto da SME, o aprendizado das crianças estava condicionado à execução e à devolução das atividades pelos responsáveis. Assim, o próprio texto parece contraditório ao afirmar a produção de atividades contextualizadas, mas que só serão possíveis com a execução das famílias. Assim, vale indagar: o contexto das crianças e de suas famílias foi considerado?

Em outro município, o texto direcionado aos responsáveis pontua:

> Pais e familiares, é importante que o momento da realização das atividades seja prazeroso, de muito carinho e amor entre vocês. As dúvidas que surgirem podem ser enviadas através da plataforma ou anotadas. No retorno às aulas, todas as dúvidas serão sanadas (Acervo da pesquisa, 2021).

A orientação referente à disponibilidade da SME para o esclarecimento das atividades e a informação de que todas as dúvidas seriam sanadas no retorno às aulas presenciais nos permite entender que as propostas não eram opcionais, sugestivas, mas deveriam ser realizadas pelas crianças. Nesse sentido, o conteúdo das atividades se apresenta como importante elemento para discutirmos a expectativa de aprendizagem das crianças.

Figura 4: Atividade de diferenciação de tamanho



Fonte: Acervo da Pesquisa (2021)

Figura 5: Atividade de esquerda/direita



Fonte: Acervo da Pesquisa (2021)

Figura 6: Atividades a partir de conteúdos diversos



Cronograma de Atividades Semanais - Data: 15/03/2021 a 19/03/2021

Tema Semanal: Conta pra mim? (leitura deleite)

Pré I

Conteúdos: Dia da escola, animais aéreos, numerais, cores, movimento corporal, coordenação motora, movimento de pinça.

SEGUNDA-FEIRA: Dia da Escola

Recursos: Vídeo e atividade impressa (Código 01)

Descrição: Dia 15 de março comemoramos o dia da escola, em homenagem a esse dia tão especial, iremos escutar uma música do tema. Logo após, realizar a atividade impressa do dia, onde iremos completar a palavra "escola" com a letrinha que está faltando e depois, colorir o desenho da escola. (Código 01)

Links: Música: https://www.youtube.com/watch?v=kcKSvyqbFpY

TERÇA-FEIRA: Contação de histórias: **Festa no céu**

Recursos: Vídeo, atividade impressa (código 02), papel para dobradura.

Descrição: Assistir ao vídeo com a contação de histórias: festa no céu e a confecção de um sapo de dobradura. Logo após, assim como na história contada, em que somente os animais que voam poderiam ir à festa, o aluno irá colorir somente os animais aéreos. (Código 02).

Link: Videoaula: https://www.youtube.com/watch?v=-MB-jOIRpq8
Origami: https://www.youtube.com/watch?v=DjLdzM4LO6I

QUARTA-FEIRA: Contação de histórias: **As girafas metidas da montanha**

Recursos: Vídeo e atividade impressa (código 03)

Descrição: Através do link disponibilizado pelo professor, o aluno irá assistir a história: "As girafas metidas da montanha". Logo após, realizar a atividade impressa do dia sobre os numerais. (Código 03)

Fonte: Acervo da Pesquisa (2021)

Nas atividades destacadas anteriormente, a leitura do enunciado indica uma única alternativa correta para cada uma das questões propostas. O conteúdo exposto exige uma verificação de certo ou errado, demandando uma avaliação como julgamento. Não há opção de resposta para além das expressas na atividade. Nesse contexto, a avaliação como ação permeada de interpretação fecha um único sentido no que o adulto espera da criança. O que abrimos mão de enxergar nas crianças quando a avaliação se limita a uma prática de verificação com registros sistematizados em uma folha de papel? Essa prática beneficia as crianças, colaborando para a organização de uma documentação que fale de seu processo e de suas experiências na vida escolar?

O risco de uma avaliação que se baseia na verificação de acertos e erros pode promover o "insucesso" das crianças, por uma crença de que o problema está em quem executa a atividade e não no que foi proposto. Assim, entendemos que a escola precisa assumir a responsabilidade sobre o fracasso que ela mesmo pode produzir em relação às crianças. De que forma uma avaliação baseada na verificação, com um fim em si mesma, dará indicativos para os profissionais sobre o trabalho que estão realizando?

Outro aspecto que pode ser discutido em relação à ideia de verificação é que ela descarta a individualidade, a singularidade das respostas das crianças. Não há espaço para a criação de outros significados que não sejam os que já estão dados pelo adulto. O sucesso das crianças fica limitado ao que se espera dela, que ela saiba, acerte, faça correto.

Leitura, escrita e avaliação: concepções e práticas

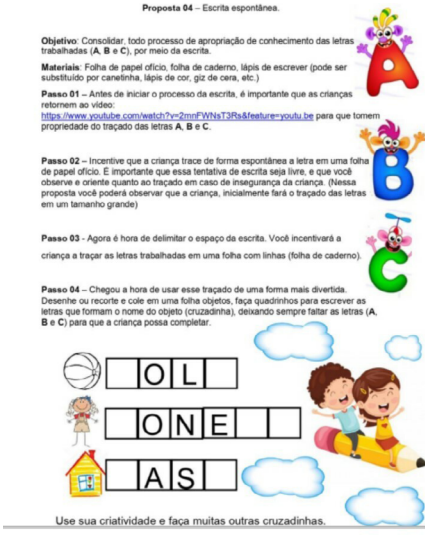
A categoria “leitura e escrita” surgiu da constatação da presença maciça de atividades com o intuito de alfabetização das crianças na EI. Funcionando como centro organizador das propostas nos materiais pedagógicos de todos os municípios participantes da pesquisa, essa categoria nos dá indícios de que a compreensão de desenvolvimento das crianças, assim como o alcance dos objetivos de trabalho para essa etapa de ensino, apoia-se no domínio de conhecimentos, como os que podemos ver nas imagens a seguir:

Figura 7: Atividade de discriminação auditiva



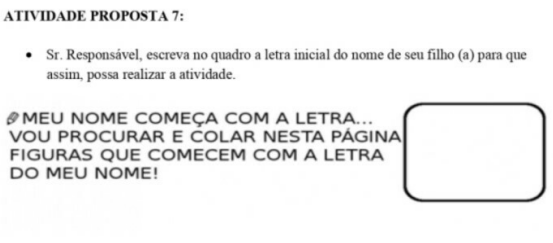
Fonte: Acervo da Pesquisa (2021)

Figura 8: Atividade de escrita espontânea



Fonte: Acervo da Pesquisa (2021)

Figura 9: Atividade com a primeira letra do nome



Fonte: Acervo da Pesquisa (2021)

Figura 10: Atividade de categorização



Fonte: Acervo da Pesquisa (2021)

Figura 11: Atividade história das vogais



Fonte: Acervo da Pesquisa (2021)

As imagens mostram uma concepção do trabalho com a leitura e a escrita firmada em alguns princípios, entre eles: a ideia de exercícios de discriminação auditiva como condição importante para aprender a ler e escrever; vogais como ponto de partida para o trabalho com a alfabetização; o treino motor – traçados, coordenação, delimitação de espaço – para realizar a escrita espontânea; aprendizado fragmentado e sequencial das letras, seguindo rigorosamente a ordem do alfabeto; o nome como ponto de partida para exploração das letras; concepção de linguagem limitada a repetição de palavras; relação entre a imagem e a letra inicial dos desenhos.

No enunciado da atividade da figura 7, observamos um erro conceitual quando pedem que a criança circule "o nome cujo desenho começa com o mesmo som de macaco". Entretanto, não é o desenho (que, de acordo com o exercício, seria "mala") que começa com a mesma sílaba do nome macaco. O que começa com "ma" é a grafia, a representação gráfica, a escrita da palavra. O enunciado contém um erro conceitual que induz as crianças ao erro.

Os resultados reafirmam o desafio que ainda precisamos enfrentar, mesmo que tenhamos avançado historicamente – no campo das políticas, da legislação, do estudo teórico – em relação aos objetivos do trabalho na EI e à concepção de alfabetização que orienta as práticas. Propostas sistematizadas direcionadas à alfabetização das crianças, não são objetivos do trabalho nas creches e pré-escolas, como afirmam as *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI)* (Brasil, 2009). O texto das *Diretrizes* destaca, inclusive, o cuidado com a antecipação de práticas que caracterizam objetivos dos anos iniciais do ensino fundamental. E, ainda que o processo de alfabetização fosse responsabilidade da EI, acreditamos que essas atividades não dariam conta de um trabalho com a leitura e a escrita como ato político e emancipador (Freire, 2002).

A esterilidade de sentidos caminha na contramão de uma alfabetização na perspectiva discursiva, garantindo uma opção pedagógica firmada na repetição. Partilhamos da compreensão que o sistema alfabético não pode ser considerado "escrita", embora conhecê-lo seja fundamental para o processo de apropriação da linguagem escrita (Goulart, 2019). Qual é o sentido de pedir para destacar a primeira letra do nome da criança ou a sílaba inicial de uma palavra, sendo que qualquer nome é composto por um arranjo estável de variadas letras?

Para muitos municípios, a aquisição da escrita prescinde de um direcionamento sistematizado, em que o treinamento, a memorização e o reconhecimento das letras e sons são fundamentais. Seria justo com as crianças e suas famílias um trabalho fundamentado nessas crenças? Uma criança pode ser avaliada e ter seu desenvolvimento analisado a partir desses princípios? Do ponto de vista ético, estético e político, não estamos respeitando os direitos das crianças a uma avaliação que colabore para seu desenvolvimento.

Considerações finais

A análise dos materiais, em relação aos pressupostos epistemológicos, indica forte presença de uma psicologia determinista na avaliação das crianças, tomando-a como natureza, enquadrada em fases biológicas de desenvolvimento. Se entendemos que os processos

avaliativos passam pela dimensão das relações, do encontro, do cuidado, da atenção, da produção de narrativas, da partilha de experiências, da reflexão sobre a docência na EI, como essas propostas podem colaborar com essa avaliação?

Os resultados do estudo indicam que precisamos caminhar em relação a um trabalho na EI que permita às instituições o cumprimento das orientações legais no que se refere à avaliação nas creches ou pré-escolas, com a garantia de procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, como expresso no texto das *DCNEI* (Brasil, 2009).

As crianças e suas famílias têm o direito legal ao acesso a um conjunto de registros que se debruçam sobre seu desenvolvimento, desde que não esteja circunscrito à ideia de medir, quantificar, verificar. Acreditamos que as experiências vividas pelas crianças não cabem em folhas de atividades prontas. Assumir essa prática no trabalho cotidiano com a EI é abrir mão da possibilidade de uma avaliação que esteja a serviço das crianças, de suas famílias e dos profissionais.

Referências

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 5, de 2009. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, seção 1, p. 18, Brasília, 2009.

CASTRO, L. R. *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.

CASTRO E SOUZA, M. P. *Políticas e práticas de avaliação na creche*: uma pesquisa na rede pública do município do Rio de Janeiro. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CORSINO, P. Entre Ciência, Arte e Vida: a didática como ato responsivo. *Educação e Realidade*, v. 40, n. 2, p. 399-419, 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46089. Acesso em: 24 mar. 2024.

CORSINO, P. Apresentação: Movimentos avaliativos na e da Educação Infantil. *Educar em revista*, v. 37, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/cBgLyBnfxcVJ5w-FkG5MJyNM/. Acesso em: 24 mar. 2024.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. 43 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GOULART, C. M. A. Política como responsiva: breve ensaio acerca da educação e arte. *In:* FREITAS, M. T. A. (org.). *Educação, Arte e Vida em Bakhtin*. Belo Horizonte, 2013.

GOULART, C. Alfabetização em perspectiva discursiva. A realidade discursiva da sala de aula como eixo do processo de ensino-aprendizagem da escrita. *Revista Brasileira de Alfabetização*, v. 1, n. 9, p. 60-78, 2019. Disponível em: https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/334. Acesso em: 24 mar. 2022.

ROSEMBERG, F. Políticas de educação infantil e avaliação. *Cadernos de Pesquisa*, v. 43, n. 148, p. 44-75, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/rCQyvkxLbt68jLby-vmy3bwh/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 24 mar. 2024.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*, v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 24 mar. 2024.

SMOLKA, A. L. B.; FONTANA, R. A. C.; LAPLANE, A. L. F.; CRUZ, M. N. A questão dos indicadores de desenvolvimento: apontamentos para a discussão. *Caderno de Desenvolvimento*, v. 1, n. 1, p. 71-76, 1994.

SMOLKA, A. L. B.; LAPLANE, A. L. F.; MAGIOLINO, L. L. S.; DAINEZ, D. O problema da avaliação das habilidades socioemocionais como política pública: explicitando controvérsias e argumentos. *Educação e Sociedade*, v. 36, n. 130, p. 219-242, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/WTmS8JRvXxwRQZKjB7GdLJH/abstract/?lang=pt. Acesso em: 24 mar. 2024.

SOUZA, G.; MORO, C.; COUTINHO, A. S. Apresentando os fios da pesquisa nas tramas do projeto de avaliação de contexto em Educação Infantil. *In*: SOUZA, G.; MORO, C.; COUTINHO, A. S. (org.). *Formação da rede em Educação Infantil*: Avaliação de Contexto. Curitiba: Appris, 2015.

Sobre as organizadoras

Etienne Baldez



Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB), atuando como docente no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e no Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Integra o Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília (Gruphe). Realiza estudos de história da infância e história da educação infantil no Brasil. E-mail: etienne.baldez@unb.br

Monique Aparecida Voltarelli



Professora adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP) da Universidade de Brasília (FE/UnB). Membro do Grupo de Sociología de la Infancia y la Adolescencia (GSIA) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi) da Universidade de Brasília. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado sobre a participação infantil na América Latina pela Universidade de São Paulo (FEUSP) e em direitos das crianças pela Universidade de Ciências Aplicadas de Potsdam, Alemanha. Realiza estudos no campo dos estudos sociais da infância, pesquisando temas como participação infantil, direitos das crianças, educação infantil e infância na América Latina. Email: mvoltarelli@unb.br

Sobre os autores

Ademilson de Sousa Soares

Professor associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na graduação e pós-graduação. Graduado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com doutorado em educação pela UFMG e pós-doutorado em pesquisas sobre políticas para a educação infantil na PUC Minas. E-mail: pacosoares@ufmg.br.

Aline Buy dos Santos

Mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) e professora do Centro de Referência em Educação Infantil Realengo do Colégio Pedro II (Creir/CPII). E-mail: alinebuy2@gmail.com.

Ana Paula Batista Pina dos Santos

Mestre em educação na linha de pesquisa Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB). Graduada em pedagogia pela UnB e em administração pela Universidade Paulista (Unip). Especializada em psicopedagogia pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em orientação educacional e vocacional pela Faculdade do Distrito Federal (FACDF). É membro do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento. Atua como coordenadora pedagógica da educação infantil do Colégio Marista João Paulo II, no Distrito Federal. E-mail: anapaulabatistapina@gmail.com.

Andrea Braga Moruzzi

Docente de graduação em pedagogia e de pós-graduação em educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Líder do grupo de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis). Pesquisa sobre infância, sociologia da infância, gênero e feminismos. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

Catarina Moro

Professora associada do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepie). Atua como editora chefe da Educar em Revista (UFPR). É bacharel e licenciada em psicologia, especialista em educação infantil, mestre em psicologia da infância e da adolescência e doutora em educação pela UFPR. Atua principalmente nos seguintes temas: práticas educativas para/com a pequena infância, avaliação de contexto e políticas públicas em educação infantil. E-mail: moro.catarina@gmail.com.

Cristiano Rogério Alcântara

Graduado em pedagogia em gestão escolar pelo Centro Universitário de Santo André (2004) e em letras – português e literaturas de língua portuguesa pela Universidade de Franca (2014). Mestre em ciência da informação e documentação pela Universidade de São Paulo (2009). Doutor em língua portuguesa (2015) e pós-doutor em psicologia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2022). E-mail: cralcantara@uol.com.br.

Danielle Atta

Mestre em educação pela Universidade de Brasília. Graduada em história e pedagogia e pós-graduada em políticas públicas, infância, juventude e diversidade e em educação infantil. Pedagoga e orientadora educacional na Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: danielleatta2@gmail.com.

Débora de Souza Santos

Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestre em educação na modalidade profissional pela Universidade de Brasília. Especialista em educação infantil na perspectiva histórico-cultural e graduada em pedagogia. E-mail: deborag7@hotmail.com.

Flávio Santiago

Pesquisador em nível de pós-doutorado na Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Sociologia da Infância e Educação Infantil (Gepsi/USP) e no Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (Grupegi). E-mail: santiagoflavio2206@gmail.com.

Gabriela Barreto da Silva Scramingnon

Professora adjunta do departamento de didática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio, 2017). Mestre em educação pela Unirio (2011). Integrante do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp/Unirio). Integrante do grupo de pesquisa Infância, Formação e Cultura (Infoc/PUC Rio). E-mail: gabriela.scramingnon@unirio.br.

Gabriela Lotta

Professora e pesquisadora de administração pública e governo da Fundação Getulio Vargas (FGV). Doutora em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e graduada em administração pública pela FGV. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB). Docente da Escola Nacional de Administração Pública (Enap). Pesquisadora do Centro de Estudos da Metrópole (CEM). Coordenadora da área temática Estado e Políticas Públicas da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e diretora da pesquisa da Associação Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas (Anep/CP). Email: gabriela.lotta@fgv.br.

Giane Lucelia Grotti

Doutora em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em metodologia do ensino pré-escolar e fundamental pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Pedagoga formada pelo Centro de Estudos Superiores de Londrina (Cesulon), atualmente Centro Universitário Filadélfia (Unifi). Coordenadora do curso de pós-graduação lato sensu em educação infantil e professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Acre. Atua na área de políticas e currículo para infância, educação infantil e história do atendimento à infância. E-mail: giane.grotti@ufac.br.

Ingrid Dittrich Wiggers

Doutora em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora titular da Universidade de Brasília. Atua no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília. Líder do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação. E-mail: ingridwiggers@gmail.com.

Lara Batomarco Nobre

Graduada em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB, 2023). Atualmente, é estudante de pós-graduação em psicopedagogia e neuroeducação, e

se especializa em psicanálise infantil na Associação Brasileira de Medicina Psicossomática (ABMP-DF). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Atua como auxiliar do desenvolvimento infantil no Ministério da Saúde. E-mail: nobrelara@hotmail.com.

Laura Brisolara de Albuquerque

Pedagoga pela Universidade de Brasília (UnB), pós-graduanda em alfabetização e letramento pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Sua pesquisa no Pibic-UnB foi sobre os impactos da pandemia da covid-19 na educação infantil. E-mail: laurabrisolara@gmail.com.

Lígia Almeida Teixeira

Graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestranda em educação na modalidade profissional (PPGE/UnB). E-mail: ligiateixeira11@gmail.com.

Lisandra Ogg Gomes

Professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (Proped) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Procientista na Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e na Uerj. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Território dos Estudos da Infância. E-mail: lisandraogg@yahoo.com.br.

Lucas Ramos Martins

Doutor e mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (PPGE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em pedagogia pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepei/UFMG). Atua como professor no Departamento de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). E-mail: lucas.martins@uemg.br.

Marcia Cristina Argenti

Livre docente em estudos da infância na Universidade Estadual Paulista (Unesp), doutora e mestra em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pedagoga na Unesp. Pesquisadora e docente do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância,

Família e Escolarização (Gepife). Docente no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar (acadêmico) e no Programa de Pós-graduação em Educação Sexual (profissional) da Unesp. Desenvolve atividades nas áreas temáticas da infância, família e escolarização. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

Maria Alice Barbosa dos Santos

Graduanda em pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). Bolsista do Programa de Iniciação Científica da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Pibic/Faperj). E-mail: mariaalicebarbosadossantos@id.uff.br.

Maria Fernanda Rezende Nunes

Professora titular-livre em educação infantil do Departamento de Didática e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Tem experiência na área de educação, com ênfase em educação infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: política pública, formação, alfabetização e currículo. Participante do programa Cientista do Nosso Estado (CNE) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj, 2021). Coordena o grupo de pesquisa Educação Infantil e políticas públicas (Eipp). E-mail: maria.f.nunes@unirio.br.

Maria Lídia Bueno Fernandes

Geógrafa. Docente do curso de pedagogia e professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Líder do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento (GPS). Integrante da Rede latino-americana de pesquisa e reflexão com crianças e jovens (Reir). Trabalha com temas relacionados à geografia da infância e da juventude. E-mail: lidia_f@uol.com.br.

Marina Pereira de Castro e Souza

Professora adjunta do Departamento de Formação de Professores, na área de educação infantil, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é vice coordenadora do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Pesquisa os seguintes temas: educação inclusiva, medicalização e estudos da deficiência. Integrante da Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes (Rede Pq-SMCA). E-mail: mpcastros@yahoo.com.br.

Mayra Silva dos Santos

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-graduanda em educação especial com ênfase em educação inclusiva pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis) e Educação e Relações Étnico-Raciais, da UFSCar. Suas pesquisas estão relacionadas à formação e trabalho docente, raça e gênero. E-mail: mayra.silva9152@gmail.com.

Nazareth Salutto

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Programa de Extensão Educação Infantil: infância, formação e sociedade. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). E-mail: nazarethssalutto@gmail.com.

Rafaelli Norberto Grégio

Graduada em pedagogia e mestre em educação pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Já atuou como professora substituta da Ufac. Professora da educação infantil há 15 anos. E-mail: rafaelligregioac@gmail.com.

Rhaisa Naiade Pael Farias

Doutora em educação pela Universidade de Brasília (UnB). Participou do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na Queensland University of Technology. Tem pós-graduação lato sensu em docência na educação infantil e graduação em pedagogia com habilitação em educação infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atualmente é docente no curso de pedagogia na modalidade a distância do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e professora substituta na UnB. E-mail: rhaisapael@yahoo.com.br.

Taís Aparecida de Moura

Docente efetiva do Departamento de Educação (Deduc) da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). Coordenadora do Grupo de Investigação de Infâncias e Linguagens (Giil/Uemg) e pesquisadora em nível de pós-doutorado em artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), cuja pesquisa versa a respeito das visualidades e processos estéticos das salas de aula de alfabetização. E-mail:tais.moura@uemg.br.

Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Pedagoga. Especialista em gestão educacional e docência na educação infantil. Mestra em educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismo (Infemis), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infâncias e Educação Infantil, da UFPR. Suas pesquisas estão relacionadas a gênero e infâncias, educação infantil, práticas pedagógicas e relações étnico-raciais. Professora da Rede Municipal de Educação de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. E-mail: vanessaf.educ@gmail.com.

Viviane Fernandes Faria Pinto

Doutora em educação, mestre em processos de desenvolvimento humano e saúde, especialista em desenvolvimento psicológico e inclusão escolar e graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Foi assessora pedagógica em projetos de formação inicial de professores do Ministério da Educação (MEC), orientadora educacional da Secretaria de Educação do Distrito Federal e pesquisadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E-mail: viviane.educ@gmail.com.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Educação Infantil em diálogo: pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância é uma coletânea composta por textos de pesquisadoras e pesquisadores de diversas regiões do Brasil, que têm constituído o campo de estudos da infância, articulando uma teia científica preocupada com as crianças e a infância contemporânea. Parte dessa teia tem sido tecida no âmbito das pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (GEPESI/UnB), da Universidade de Brasília, e dos diálogos que o grupo têm travado com diferentes áreas do conhecimento humano e seus pesquisadores, tendo como eixo central também as crianças (sujeitos históricos, atores sociais, produtoras e participantes ativos na cultura) e a pluralidade da infância. Assim, o livro busca reunir contribuições teóricas e metodológicas que permitam pesquisadores, estudiosos e profissionais que atuam com a infância, em especial na educação delas, de forma a ampliar olhares, saberes e instigar novos "quereres" por assim dizer no trabalho com as crianças pequenas. Almejamos proporcionar ao leitor reflexões e provocações, por meio de um pensamento dialético e complexo, que questionem nossas práticas, que revejam nossas posturas, que nos inspirem na realização de nossas pesquisas e principalmente que nos permita abrir possibilidades para conhecer e nos relacionarmos de forma mais respeitosa e potente com as crianças.

EDITORA UnB

Pesquisa, Inovação & Ousadia